



UNIVERSIDADE, A COBAIA DO CAPITÃO

> **Na era Bolsonaro, política para ciência deve apostar em estimular apenas pesquisa aplicada contra pensamento crítico no ensino superior**

KELVIN MELO

kelvin@adufRJ.org.br

Ameaça à liberdade de cátedra, enfraquecimento das ciências básicas e desarticulação entre todos os níveis de ensino. Essas são algumas consequências das medidas anunciadas pela equipe do presidente eleito Jair Bolsonaro que atingem a Academia e transformam as universidades brasileiras em cobaias de um projeto pouco debatido com a população e nada testado em experiências anteriores. A avaliação é de respeitados especialistas em Educação ouvidos pelo **Boletim da AdufRJ**.

No dia 5, Bolsonaro afirmou ser favorável à gravação de professores em sala de aula, prática recentemente rejeitada pela Justiça de Santa Catarina. Para Gaudêncio Frigotto, Titular da Faculdade de Educação da Uerj, a filmagem “é absolutamente inconstitucional” sem a autorização docente. “É uma forma de acuar, de fazer cair na pedagogia do

medo”, alerta. Emérito da Faculdade de Educação da Unicamp, Dermeval Saviani também critica: “O problema é a tentativa de censura. Aí entra essa visão da Escola sem Partido que, na verdade, é uma escola dos partidos conservadores e reacionários”.

Professor Titular da Faculdade de Educação da UFRJ, Luiz Antônio Cunha considera o Escola Sem Partido um movimento implícito contra a laicidade do Estado: “As páginas do movimento ESP trazem exemplos caricatos de professores que usam a sala de aula como espaço de doutrinação político-ideológica, mas é significativo que nenhum caso é divulgado sobre a doutrinação religiosa, muito comum no ensino fundamental e no médio”. Ele completa: “Contendas não faltarão no campo educacional, no cruzamento entre os campos político e religioso”.

Outra contenda é a transferência das universidades do MEC para o da Ciência e Tecnologia, medida anunciada Bolsonaro logo depois da eleição. No dia

6, Marcos Pontes, futuro ministro da Ciência e Tecnologia, disse não saber se as universidades seriam incorporadas à pasta. Mas defendeu mudanças na legislação para as instituições receberem recursos privados.

Dermeval Saviani se assusta com a proposta: “Querem vincular as universidades às demandas de mercado, encaminhar a eliminação do ensino gratuito e, por fim, privatizar as instituições”. Para o docente, as ciências básicas, especialmente das áreas de humanas, passarão para segundo plano. “É um grande prejuízo para a pesquisa e a educação do país”.

O sucateamento das universidades estaduais fluminenses, vinculadas à Secretaria de C&T, é lembrado pelo professor Frigotto. “Já tem o modelo aqui do Rio”. O professor Cunha mostra preocupação com a própria concepção do processo educacional: “Quem pensa educação como um todo e a necessária articulação entre os níveis do ensino não aceita essa fragmentação”, disse.



HOSPITAL UNIVERSITÁRIO: R\$ 10,4 milhões para melhoria da infraestrutura hospitalar

UFRJ recebeu 26 emendas parlamentares

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

Em 2018, a UFRJ recebeu 26 emendas orçamentárias da bancada, de 13 deputados e de um senador. As emendas somaram R\$ 22,7 milhões e foram aplicadas em várias áreas da universidade, entre elas o Hospital Universitário e a Coppe. Do total, R\$ 10,7 milhões foram para custeio e R\$ 12 milhões para investimento.

Captar emendas orçamentárias tem sido uma estratégia da reitoria para driblar a queda dos repasses federais: “Conseguimos uma boa interlocução com a bancada do Rio de Janeiro. A UFRJ recebe apoios independentemente de partidos. Isso tem sido muito importante para desenvolver inúmeras atividades”, afirma o pró-reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças, Roberto Gambine.

Para o ano que vem, ainda não há definição. A Lei Orçamentária Anual (LOA) ainda não foi votada, mas a proposta que

tramita no Congresso não é nada animadora: a universidade receberia, sem emendas, R\$ 361 milhões para custeio e investimento — este ano, a UFRJ contou com R\$ 388 milhões.

O prazo para a apresentação das emendas termina esta semana. Cada parlamentar pode dispor de até R\$ 15,4 milhões. As bancadas podem apresentar propostas de até R\$ 169,6 milhões.

A assessoria do deputado federal Hugo Leal (PSD/RJ), coordenador da bancada do Rio na Câmara, adianta que haverá uma emenda de R\$ 55 milhões para a recuperação do Museu Nacional. A expectativa é que o dinheiro seja utilizado na reconstrução das fachadas e coberturas do prédio histórico entre o ano que vem e 2021.

A confirmação desta emenda e de outras só será conhecida no final de dezembro, com a votação da LOA. Antes disso, até 6 de dezembro, os números devem passar pelo crivo da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização do Congresso.

FERNANDO SOUZA

Audiência debate orçamento de 2019

Com os recursos orçamentários previstos para 2019, o CNPq só consegue funcionar até setembro. A afirmação foi feita pelo professor da UFRJ e dirigente da agência de fomento, Marcelo Morales, em apresentação realizada na comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara, na quarta-feira (7). “Faltam R\$ 300 milhões para chegarmos até o fim do ano, para fazer o básico”, disse. O docente disse que o orçamento mínimo deveria ser R\$ 1,3 bilhão.

Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o professor Ildeu Moreira observou a importância da votação da lei orçamentária de 2019 para o futuro da pesquisa científica do país, na mesma audiência: “O Brasil vai perder posições no ranking mundial de produção científica, se a crise que vivemos permanecer”, observou. Aos parlamentares, Ildeu reivindicou, entre outras iniciativas, o aumento de recursos para o CNPq e o fim dos contingenciamentos no Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico (FNDCT).

O professor Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), também participou do encontro: “Se o Brasil quiser ter um protagonismo internacional, se quiser sobreviver no mundo contemporâneo, que é o mundo do conhecimento, vai ter que mudar drasticamente o rumo de seus investimentos em ciência e tecnologia”, afirmou. O presidente da Andifes, Reinaldo Centoducatte, tratou do subfinanciamento do sistema universitário público federal, nos últimos anos: “Nós praticamente mantivemos congelados os recursos de custeio e os recursos de capital são em torno de 20% daquilo que tínhamos em 2014, 2015”, disse.

Liberdade de cátedra mobiliza Comunicação

FERNANDA DA ESCÓSSIA
fernanda@adufjrj.org.br

Em tempos de ataque às liberdades de expressão e de cátedra, a universidade deve reagir a qualquer tentativa de cerceamento, sem antecipar a autocensura. Foi esse o tom do debate realizado nesta quarta-feira (7) na Escola de Comunicação da UFRJ, com participação de 60 professores, alunos e técnicos, além da direção da Adufrj e do Sintufjr.

Um dos eixos da discussão foi a necessidade de buscar formas de proteção da comunidade acadêmica e, principalmente, de uma ação concreta na área de comunicação. “Não podemos enfiar a cabeça na terra, como um avestruz”, afirmou a diretora da Escola de Comunicação, Ivana Bentes.

A presidente da Adufrj, Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, destacou que é a pluralidade do ambiente universitário que favorece a produção do conhecimento crítico. Lembrou que o STF tornou sem efeito as ações da Justiça Eleitoral nas universidades, às vésperas do segundo turno. “Vamos agir sem



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO Professores, alunos e técnicos defendem liberdade de pensamento

alarmismo. O respeito às instituições é fundamental”, afirmou Maria Lúcia. Ela lembrou o serviço criado pela Adufrj para receber denúncias de ataques, bem como o atendimento oferecido pelo Plantão Jurídico.

Estudantes, técnicos e professores expuseram o receio de ser alvo de algum tipo de assédio ou ataque em virtude de posicionamento político ou orientação sexual. O professor Paulo Vaz sintetizou um sentimento comum: o temor de que o governo de Jair Bolsonaro acabe sepultando, por subfinanciamento, qualquer pesquisa na área de artes,

cultura e ciências humanas. “Temos de valorizar o lugar do pensamento, da universidade, e as ciências humanas são o lugar do pensamento crítico por excelência”, afirmou.

Professor emérito da UFRJ, o filósofo Marcio Tavares D’Amaral iniciou e encerrou o evento destacando a necessidade de confiar nas instituições. Ele reiterou que o Brasil não vive uma ditadura e que o medo não pode paralisar a ação. “O medo é uma forma de inteligência. Ele nos diz quando recuar, ajuda a analisar o quadro. De algum modo, o medo nos orienta a agir”, afirmou.

ANOTAÇÕES DO CAMPUS

KATHLEN BARBOSA



ASSEMBLEIA COMUNITÁRIA

Realizada na última quarta-feira, 7, no CCS, a assembleia comunitária com professores, estudantes e técnicos discutiu estratégias de resistência para a universidade enfrentar os ataques contra a instituição. “Precisamos agora de uma frente ampla para resistir à situação dramática que representa para o país o governo eleito”, resume a diretora da Adufrj, professora Tatiana Sampaio.

30 ANOS DO CENABIO

O Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem comemora três décadas com uma programação intensa no próximo dia 12, de 9h às 19h, no auditório do Bloco N do CCS. O evento contará com importantes pesquisadores internacionais, como o professor Kurt Wüthrich, Prêmio Nobel de Química pelo uso da ressonância magnética nuclear no estudo das proteínas. Entre os convidados estrangeiros também participarão Enrico Gratton, professor da University of California e coordenador do Laboratory for Fluorescence Dynamics, e David Jameson, professor do Departamento de Cell and Molecular Biology na Universidade do Havaí.

FAKE NEWS

As fake news não atacam apenas políticos. Elas também podem contaminar a reputação de instituições. A UFRJ é um caso exemplar. Desde o incêndio do Museu, em setembro, a universidade tem sofrido diversos ataques por meio de notícias falsas. Para conter o fluxo das notícias falsas, a reitoria da UFRJ criou um canal especial para receber denúncias de fake news relativas à instituição. A ferramenta pode ser encontrada no site da universidade, onde o internauta preencherá um formulário. Após o recebimento das denúncias, os casos serão analisados e medidas individuais, judiciais inclusive, poderão ser tomadas.

Medicina faz 210 anos de inspiração e compromisso

FOTOS JOÃO LAET

ELISA MONTEIRO E
FERNANDA DA ESCÓSSIA
comunica@adufrrj.org.br

Qual o segredo da Faculdade de Medicina da UFRJ? Aos 210 anos, a unidade mistura a atuação sólida em ensino, pesquisa e extensão com histórias inspiradoras de seus professores e alunos para se manter no posto de curso mais procurado do país no Enem. Ao todo, a Faculdade abriga cerca de 950 alunos de outros cursos, além dos 1.200 graduandos da Medicina. Nos nove programas de pós-graduação, há mais 500 mestrandos e doutorandos.

As comemorações pelos 210 anos incluíram um concerto na sala Cecília Meirelles e uma sessão solene na Academia Nacional de Medicina, acompanhada por nomes como o do ex-ministro da Saúde, José Gomes Temporão. “Estive na primeira turma de residência de doenças infecciosas do Hospital Universitário (HUCFF). Foi uma experiência que mudou minha vida”, disse.

Ainda com o nome de Escola Anatómica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, a faculdade foi criada em 5 de novembro de 1808, por carta régia de Dom João VI. Mais tarde, foi integrada à Universidade do Brasil, posteriormente chamada de UFRJ. “A Faculdade de Medicina da Bahia foi criada em fevereiro, mas nós começamos a funcionar primeiro, porque o Rio era capital. Praticamente inauguramos o ensino superior no país”, afirma o diretor da Faculdade, o epidemiologista Roberto Medronho.

Pelos bancos da Faculdade passaram alunos notáveis, como Carlos Chagas, pai e filho, Oswaldo Cruz, Vital Brasil, Paulo Niemeyer e Ivo Pitanguy. É o berço da formação e aperfeiçoamento da elite médica do país. Até hoje segue como o curso com a maior nota de corte do país, em todo o sistema SisU. “Mas o principal desafio é formar os alunos com o senso das humanidades, com o compromisso ético e técnico. O aparato



ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA Cerimônia solene homenageia docentes da UFRJ



MEDRONHO E LIGIA, de alunos a professores

tecnológico é necessário, porém o equipamento mais poderoso é o médico”, afirma Medronho, ex-aluno da escola.

O estudante Eduardo Culierkorn concorda. “É difícil superar a tendência de ultraespecialização e aproximar a Medicina do paciente. Grande parte dos

problemas de saúde está relacionada a fatores como diabetes e hipertensão”, justifica o futuro médico.

“Sempre tivemos e ainda mantemos a capacidade de selecionar os melhores alunos. Eles são muito bons”, avalia a professora Titular, ex-aluna e ex-decana do Centro de Ciências da Saúde Vera Lucia Halfoun. “Engana-se quem pensa que isso mudou com as cotas”, completa. Como experiência ruim, Vera guarda os tempos de censura. “Ainda era estudante quando um jornalista italiano me perguntou sobre o governo brasileiro. Saí correndo, passei semanas com medo”.

Para a vice-presidente da Adufrj, professora Ligia Bahia, o aniversário de 210 anos confirma “a relevância da produção de conhecimentos críticos” produzidos na instituição. “A comemoração mostra que a Faculdade se apoia no seu passado para inovar no presente e no futuro”, resume Ligia Bahia, formada em Medicina na UFRJ em 1980.